

QUINTA-FEIRA • 01 DE DEZEMBRO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31237 de 01 de Dezembro de 2016, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.



TEOLOGIA SIMPLIFICADA

CREDO

JOSÉ LIMA

PADRE | PROFESSOR

Uma palavra de origem latina (do latim “credo”) que directamente passou para a nossa língua portuguesa e que significa “eu creio” (dizemo-lo todos os domingos e solenidades na Liturgia romana). Desta forma lembramos a entrada na Igreja, no dia do Baptismo: trata-se de uma síntese das verdades da fé. No início do ano litúrgico convém ser diligente.

O credo usado hoje é o chamado niceno-constantinopolitano, remontando a sua forma actual ao concílio de Niceia (em 325) posteriormente completado no primeiro concílio de Constantinopla (381). Trata-se do símbolo da fé cristã. Ao retomá-lo lembramos a inalterabilidade do amor de Deus na criação (saindo de Si), a redenção por Jesus seu Filho (desde o Seu nascimento até à Sua Morte salvadora e ressurreição gloriosa), a santificação constante que é obra do Espírito Santo nos crentes, a comunidade de que fazem parte (a Igreja) e a nossa escatologia (o nosso fim em Deus).

Em alguns países (França, comunidades dos EUA, Bélgica) usa-se um credo/símbolo dito dos apóstolos, que é mais breve pois encurtece o artigo relativo ao Filho, mas cuja fórmula não remonta aos apóstolos, tendo sido introduzida na igreja latina pelo imperador Carlos Magno no século IX. O mais antigo continua a ser o que hoje se confessa na Liturgia,

formulado no século IV nos concílios ecuménicos e destinados a dirimir questões doutrinárias. No Novo Testamento há outras fórmulas de Credo, sobretudo baptismas.

Cada fiel, por si e na comunidade, (todos dizem “eu creio”), assume como sua a fé da Igreja, recorda o dia do Baptismo e vai fazer o possível



para que as verdades em que acredita plasmem a sua vida quotidiana. No dia do Baptismo foi feita a profissão de fé em forma interrogativa, o que pode ser repetido algumas vezes ao longo do ano litúrgico para levar a comunidade a recordar o projecto no qual se inseriu – a Igreja de Cristo. A criação, a redenção e a santificação dos fiéis são obra continuada na história dos homens. Esta fórmula também dá pelo nome de símbolo, pois com fórmula escrita

e retomada pelos fiéis constitui o sinal da unidade da comunidade na aliança com Deus: sinal de um corpo unido desde o início à sua Cabeça (dimensão cristológica), sinal de um povo que professa a sua fé em todas as latitudes e longitudes da terra (dimensão eclesial), sinal de uma vontade sempre a renovar de anunciar o Evangelho de Jesus a todos os povos (dimensão missionária). O símbolo aprende-se na cultura de cada povo (dimensão catequética), tem a marca do desejo de unidade e nos seus artigos é um resumo teológico, com o peso dos séculos de história, da doutrina teológica da Trindade, da Igreja e dos Novíssimos.

Num tempo como o nosso de imensas fragilidades sociais, importa dar ao “Credo” a sua dignidade nas celebrações de Domingo e não sucumbir a novidades que possam dispersar os fiéis em modas momentâneas que são ultrapassadas com o volver do tempo. Professar “eu creio” é sobretudo afirmar que Deus está continuamente connosco para nos salvar, nos ama como filhos e nos sustenta no amor. Importa estar atento sobretudo em Eucaristias frequentadas por crianças: valorizar mantendo a fidelidade à tradição longa da Igreja.



PAPA FRANCISCO

@pontifex_pt

28 de Novembro de 2016

A misericórdia não é um parêntese na vida da Igreja, mas constitui a sua própria existência, que torna palpável o Evangelho.

27 de Novembro de 2016

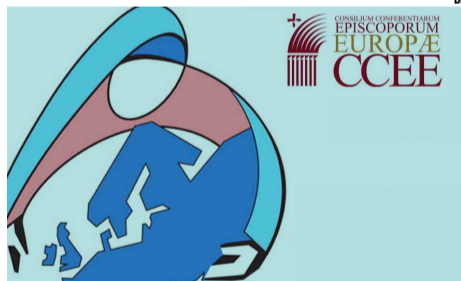
Com o Advento todos nós nos colocamos em caminho, através do tempo, em direcção a Jesus, ao seu Reino de justiça e de paz.

D. JORGE ORTIGA

@djorgeortiga

25 Novembro 2016

Convido-o a recitar ao longo do dia: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão-de passar” (Lc 21, 33). Tenha um bom dia!



CEE QUER RESPOSTAS CONCRETAS A APELOS DO PAPA FRANCISCO

O Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CEE) afirmou que ajudará as conferências episcopais da Europa a “identificar as melhores formas” para responder às propostas do Papa no âmbito do Jubileu da Misericórdia. “Hoje é necessário manter a esperança, olhar para o futuro com confiança e renovar a memória cristã que deu uma dimensão humana à história europeia”, referiu, adiantando que o “empenho dos Bispos europeus pela Nova Evangelização (...) pode restaurar a esperança nos corações e inspirar novas formas de solidariedade”.



CÁRITAS EUROPA: FAMÍLIA, TRABALHO E PROTECÇÃO SOCIAL

A Cáritas Europa publicou no passado dia 23 o documento “Justiça Social e igualdade na Europa – É possível”, no qual apresenta um conjunto de propostas para os governos e instituições da região, no actual panorama de crise económica. “Apenas mudando as estruturas sociais que sistematicamente excluem partes da população será possível reduzir desigualdades e pobreza: a família, o mercado de trabalho e as políticas de protecção social são factores-chave”, refere o documento.



PAPA FRANCISCO PEDE CUIDADO COM PREPARAÇÃO DO NATAL

O Papa pediu “sobriedade” na preparação para o Natal, ao assinalar no dia 27 o início do Advento, o primeiro do novo ano litúrgico. Diante de milhares de peregrinos reunidos na Praça de São Pedro, Francisco disse que os quatro Domingos do Advento são um “convite à sobriedade” e que não devem ser dominados pelas coisas deste mundo, pelas realidades materiais”. O Papa desejou aos presentes e a toda a Igreja um “bom caminho de Advento” e rezou por algumas populações que têm sido afectadas por catástrofes naturais.



IGUALDADE ENTRE SURDOS E OUVINTES



FLÁVIA BARBOSA
TEXTO



FILIPA CORREIA
FOTOGRAFIAS

Não percebeu nada da capa do Igreja Viva de hoje? Foi propositado. Quisemos que sentisse um pouco daquilo que os surdos experimentam quando têm que tratar das coisas mais básicas – como água, luz e gás – e não têm um intérprete consigo. Num mundo silencioso, são os ouvintes que parecem fechar-se mais e ouvir menos. Desvendamos o título da capa, que irá perceber ao longo da reportagem: “Só” surdos.

DA INTERROGAÇÃO AO SILÊNCIO

Cláudio Santos tem 37 anos. É casado, tem um filho e é Presidente da Associação de Surdos de Braga. André Martinho tem 30, é o tesoureiro da Associação e tem namorada. São bem-dispostos, falam entre si e riem muito. Também falam connosco e riem-se de algumas das nossas expressões. A ajudar à nossa conversa está Vera Macedo, intérprete de Língua Gestual Portuguesa (LGP).

São os dois surdos desde a nascença. A surdez foi descoberta pela família de ambos quando tinham cerca de um ano de idade. Alguns indícios – como a não resposta a sons muito altos e um desenvolvimento ligeiramente diferente ao de outras crianças – levaram à desconfiança e posterior confirmação das famílias através de exames médicos. A educação de Cláudio foi oralista. Só no 5º ano de escolaridade começou a interagir com outros surdos.

“Nessa altura fui para a escola Francisco Sanches e lá havia mais surdos. Fiquei maravilhado, vi gestos, vi tudo, aprendi aquilo muito rápido, percebi que era a minha identidade, que era a minha cultura, que eram os meus pares. Numa semana aprendi muita coisa. Os meus pais preferiam que eu falasse, não me deixavam fazer gestos e diziam que no futuro tinha que me desenrascar, tinha que falar. E eu preferia estar com os surdos, identificava-me mais com eles. Comecei a aprender língua gestual e a sentir: «é isto que eu sou, sou surdo». Desisti então da oralidade, que era um grande esforço para mim...”, explica, entusiasmado.

Com 16 anos começou a ir à Associação de Surdos do Porto. “Comecei a ir a convívios, a actividades... Era muito interessante, eu ficava muito feliz, era bem mais feliz! Os meus pais lá acabaram por desistir de me contrariar

e perceberam que eu era mais feliz entre eles. Queriam que tivesse uma namorada ouvinte, mas eu disse: «então, eu também tenho que ter prazer em namorar»! (risos) Foi na escola Francisco Sanches que conheci a minha esposa. Até agora!!! Está reservada para mim!...”, conclui, entre risos. Cláudio mostra-nos a aliança e fala da esposa e do filho de forma embevecida.

André também passou pelo mesmo durante uns tempos, mas cedo foi integrado com outros surdos e viu a sua vida mais facilitada.

“Fui fazer um audiograma ao Porto, ainda bebé, mas deu inconclusivo. Repeti e veio o mesmo resultado. Os meus pais acharam estranho e foram a Bordéus, onde o meu pai trabalhava, e o médico de lá disse logo que eu era surdo. O médico disse que deviam primar a oralidade e a Língua Francesa... Depois vim para Portugal, ainda pequenino, e fui para a Pré-Primária em Ponte da Barca. Aquilo era mais mímica, mais brincadeira... Fui crescendo e uns anos depois a minha mãe mudou de trabalho, veio para Braga e procurou respostas para surdos aqui. Descobriu um colégio em Palmeira. Mais tarde mudei para outra escola, apenas com ouvintes. Pus aparelho cedo e comunicava mais ou menos bem com eles. Os professores eram sensíveis à minha condição”, explica. Sobre

a reacção dos pais, André diz que ambos lutaram para o compensar pelo que não tinha, de forma a vingar na vida. “A minha mãe é muito lutadora. Eu sou filho dela, é normal, acho eu (risos)”, remata. André acabou por frequentar mais duas escolas no secundário, uma delas com uma turma só de surdos.

BARREIRAS: MUITAS. PASSOS: PEQUENOS.

Nas pequenas coisas do dia-a-dia, as mais triviais, Cláudio e André apontam imensas barreiras e obstáculos difíceis de transpor.

“Há dificuldades, muitas. Por exemplo, na Loja do Cidadão, quando quero tratar da água, da luz... não há intérprete. Como é que vou saber o que dizem? As pessoas falam muito rápido. Eu peço para falarem mais devagar, mas sem intérprete não consigo saber se a informação que percebo é a correcta. Veja-se o caso da taxa audiovisual... se eu pago por um serviço que não usufruo, como é que vou reclamar sem intérprete?”, pergunta Cláudio.

Também no Banco todos os processos assentavam na oralidade e os pais tinham sempre que acompanhar o filho.

“Estamos a assinar um contrato que não percebemos o que é. E os pais não são intérpretes, então resumem a coisa e não explicam tudo direitinho...

Há muitas coisas que são assinadas e não são compreendidas. Agora isto mudou, o Banco para celebrar contratos já tem que ter intérpretes. Outra coisa: se vamos ver casas para comprar, como é que eu comunico com o vendedor, com a imobiliária? São coisas pequeninas, mas... terei que pagar sempre o intérprete? Para tudo na minha vida?”, lamenta.

André e Cláudio consideram que o Estado deveria ter “algum recurso, alguma bolsa” que os deixasse usar os serviços dos intérpretes, tal como já acontece em outros países. Consideram-no um direito. A título de exemplo, se tiverem que consultar um advogado por alguma razão, pagam não só pela consulta, mas também pelo intérprete. “Não é justo, é um problema grande. É um problema diário”, desabafa.

André confirma as mesmas dificuldades na Loja do Cidadão, “onde um intérprete seria essencial”. “A Segurança Social já tem intérpretes. São pequenas coisas que vamos conseguindo. O Estado devia tentar arranjar uma solução para colmatar estas despesas que nós temos com os intérpretes em serviços que os ouvintes usufruem gratuitamente”, aponta.

Uma ótima – e muito recente – novidade: a linha de emergência 112 já dispõe de uma aplicação por mensagem a pensar na comunidade surda.

“SÓ” SURDOS

Ambos admitem que os passos que têm sido dados são bons – sobretudo no último ano, dizem – mas ainda são insuficientes. Acham que, muitas vezes, algumas propostas ficam “na gaveta” e, por consequência, os surdos ficam esquecidos.

“Acho que em 2017 ainda será melhor. Já temos mais intérpretes na televisão, nos canais públicos, as escolas de referência já estão mais visíveis. É lento, mas vamos conseguindo. Acho que este governo está a dar mais importância às pessoas com deficiência. Nos outros anos acho que, como somos uma minoria, ficámos a um canto, esqueceram-se de nós”, diz Cláudio, abanando a cabeça.

Um pouco a medo, perguntamos se com todas estas dificuldades são felizes.

“Eu sou muito feliz, muito feliz, tenho uma família que adoro, sou feliz!!! Só não o sou por inteiro porque me falta trabalho. Fico ansioso, luto, quero trabalhar! Tenho duas mãos, tenho vontade, até posso não trabalhar bem, mas quero que me corrijam para eu aprender e não me dão essa oportunidade. Preciso dessa oportunidade para crescer como pessoa e não sou feliz a 100% por causa disso”, lamenta Cláudio.

O Presidente da Associação de Surdos de Braga conta que já trabalhou como colaborador numa empresa de contabilidade onde era tratado como qualquer outro funcionário. Quando o “patrão” faleceu, a empresa fechou. Depois disso teve outra hipótese numa fábrica de confecção. No primeiro dia, quando perfez as oito horas de trabalho diárias, viu os colegas saírem. A ele e a três mulheres de outra nacionalidade foi-lhes pedido que trabalhassem mais duas horas, não sendo o salário proporcional ao dos outros funcionários. Cláudio não se deixou ficar e interrogou o responsável pela confecção. A história que se seguiu foi longa e o seu dia de trabalho só foi pago depois de algumas ameaças jurídicas. Mandaram-no embora. Está desempregado desde então. Já lá vão sete anos.

André também diz que não é feliz por inteiro.

“Em relação a antigamente, a minha felicidade cresceu, não tínhamos intérpretes, não havia tantas ajudas... As coisas estão melhores, mas também não tenho trabalho. Estudei, esforcei-me, quero que me dêem uma oportunidade, quero provar que consigo trabalhar, seja naquilo que for!”, pede. O jovem concluiu o 12º ano e depois fez um Curso de Especialização Tecnológica no ISMAI. Realizou um estágio como Técnico de Multimédia durante um ano. Está desempregado há quatro.

Os dois dizem que a inserção no mercado de trabalho é quase impossível. Envia currículos, vão ao Centro de Emprego, enviam e-mails, procuram, procuram, procuram. Só querem uma oportunidade. As respostas são sempre as mesmas: nenhuma. Os dois são unânimes: são “só” surdos. Têm as mesmas capacidades dos ouvintes: dois braços, duas pernas, duas mãos para trabalhar. Acima de tudo, têm vontade, muita. Não são inúteis, a única coisa que os distingue das pessoas ditas “normais” é o facto de não conseguirem ouvir.

Por coincidência, reparamos nesta altura que o nosso gravador falhou e deixou de acompanhar a tradução de Vera. Com os nervos, atrapalhado e com o gravador a continuar a não responder, nem nos nossos telemóveis conseguimos encontrar a aplicação que permite gravar áudio. Cláudio faz sinal e articula perfeitamente: “Posso?”. Pega num dos telemóveis e, em segundos, o aparelho está a gravar. Cláudio levanta o braço e diz, sorridente: “Vêem? Eu posso ser útil!”.

OS SURDOS NA IGREJA E NO ESTADO

André foi baptizado, fez a Primeira Comunhão, a Comunhão Solene e o Crisma.

“Mas não percebi «nadinha» daquilo que me diziam.

Ia porque os meus amigos iam, ia com eles, acompanhei-os, mas sem perceber grande coisa do que era dito. Eu queria era brincar”, sorri timidamente.

Cláudio também é católico, mas não fez sequer a Primeira Comunhão.

“Porquê? Porque estava lá e não percebia nada. Era um grande desperdício de tempo para nós. Eu gosto da religião católica, mas não tenho grande interesse porque não fui habituado a ela, não tinha intérprete... Não temos a «cultura» do catolicismo. Isto alterou-se agora um bocadinho com a questão das eucaristias traduzidas”, diz. Mas não é suficiente.

Fala-se da necessidade dos intérpretes na catequese. Vera explica que, pela experiência que tem, os mais pequenos costumam ficar entusiasmados “com as histórias da Bíblia”, têm vontade de saber mais. Outro aspecto discutido é o do conhecimento da Língua Gestual Portuguesa por parte dos sacerdotes, o que poderia ajudar nos pontos referidos e, sobretudo, no sacramento da Reconciliação.

A propósito deste tópico, Cláudio refere que o seu grande sonho é que todas as actividades públicas no país sejam traduzidas em LGP.

“Seria uma forma de os surdos poderem participar mais activamente na sociedade. Assim seríamos mais felizes,

O QUE NÃO DEVE DIZER

Linguagem gestual: não é linguagem, é língua. A Língua Gestual Portuguesa é a terceira língua oficial em Portugal e foi reconhecida em 1997.

Surdo-mudo: são apenas surdos, não são mudos. Comunicam e falam, mesmo que de forma diferente da dos ouvintes.

Deficiente auditivo: são “só” surdos.

O QUE DEVE FAZER

Olhar os surdos nos olhos quando fala com eles, mesmo com a presença de um intérprete. Ninguém gosta de falar com alguém a olhar para outro lado.

Não ter medo da diferença: os surdos são pessoas como os ouvintes, apenas comunicam de forma diferente, noutra língua. Com um pouco de esforço e força de vontade, um ouvinte consegue estabelecer uma comunicação básica com um surdo.



podíamos participar em mais coisas, ter uma voz mais activa”, explica.

A Constituição Portuguesa (CP), no artigo 13.º, “Princípio da Igualdade”, diz que “todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei”. No artigo 26.º, “Outros direitos pessoais”, refere que a “todos são reconhecidos os direitos à identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, à capacidade civil, à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar e à protecção legal contra quaisquer formas de discriminação”. O artigo 58.º, “Direito ao trabalho”, diz que “todos têm direito ao trabalho”.

A Constituição pode não estar a ser devidamente aplicada à comunidade surda, que se queixa de discriminação diária. Nem no que diz respeito à liberdade de professarem uma religião, que a CP considera um direito inviolável. No caso dos surdos, essa é uma utopia: não conseguem acompanhar o cristianismo – ou outras

religiões – por falta de intérpretes ou outras vias de comunicação que lhes permitam ter, pelo menos, o direito de escolha.

A ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE BRAGA

A Associação existe há quase 14 anos. Neste momento, Cláudio Santos é o Presidente. Começou o mandato no ano de 2015. O próximo ano será o seu último na Presidência. Neste momento as preocupações são muitas. A Associação tem três pequenas sedes, cedidas pela Câmara Municipal de Braga, mas poderá perder duas brevemente. A própria Associação – por falta de verbas e apoios – enfrenta o risco de extinção.

“De há dois anos para cá não temos nenhum tipo de apoio. Há apenas um pequeno apoio da Junta de S. Vicente. Estou preocupado porque se isto continua assim, a Associação vai fechar. E não pode acontecer, não pode! Se fechar, a comunidade surda vai perder muito. Os pais que têm os filhos surdos, os idosos... onde é que convivem? Saem do

trabalho ou da escola e vão para onde? Neste momento promovemos várias actividades, eles vão para a Associação e convivem uns com os outros”, explica Cláudio, sublinhando que este tipo de contacto é fundamental porque, sem ele, as capacidades, o raciocínio e as faculdades intelectuais dos surdos diminuem.

“As pessoas vão contribuindo, sobretudo algumas empresas. A equipa de Futsal foi aos Açores a um torneio internacional com alguns apoios privados. Essas empresas têm surdos lá a trabalhar e ajudaram. Foi óptimo, perfeito. A Câmara não nos deu nada e, na verdade, nós fomos lá representar a cidade. Nos Açores, a Associação tem apoio a 100%, tem intérpretes que os sócios podem utilizar, tem carro de serviço. Gostava de organizar o próximo torneio cá, mas só se a Câmara nos apoiasse. Não gostaríamos que as pessoas que nos receberam tão bem viessem cá sem termos nada para lhes dar. A organização deles foi um espectáculo. Cada um de nós pagou cem euros do seu bolso para colmatar o que faltava e lá fomos. E ficámos em segundo lugar!”, explica. A tristeza e a decepção estampados no rosto de Cláudio dizem logo aquilo que não conseguimos ouvir. Recentemente, foi a Lisboa representar a comunidade surda de Braga num debate sobre a deficiência com o Presidente da República. Pagou tudo do seu bolso.

A comunidade em geral – ouvintes e não ouvintes – pode contribuir a nível individual para a sustentabilidade da Associação que, entre várias valências, ajuda os surdos empregados e desempregados, fornecendo informações importantes e promovendo actividades recreativas e de apoio escolar às crianças.

“A Associação está aberta para quem quiser lá ir. No Natal vamos dar uma prendinha a cada criança. Prometi e vou cumprir. Vou comprar as prendas para lhes dar felicidade. Esquecem-se sempre dos nossos... se não formos nós a lembrar, ninguém se lembra”, conclui.

A INTÉRPRETE

VERA MACEDO

Acabou o 12º e foi trabalhar. “Foi destino”, diz na brincadeira. Dois anos depois, em 2001, ingressou no Curso para Intérpretes de LGP no Porto. Se tivesse entrado na Universidade directamente, teria sido outro o curso escolhido. Começou o curso por curiosidade, sem nenhum motivo especial, não tem ninguém surdo na família.

“Logo no primeiro semestre fiquei completamente apaixonada. Conheci imensos surdos, o meu grupo de amigos tinha surdos e achei que era mesmo aquilo que queria fazer no futuro”, confessa.

É intérprete há doze anos. Está integrada na comunidade surda, mas gostaria de estar ainda mais. As visitas a casa – trabalha em Braga, mas é natural do Porto – roubam-lhe algum tempo. Juntamente com Cláudio, esforça-se por ver o trabalho dos intérpretes reconhecido e oficializado. “Não podemos ser sempre aquele amigo que faz «o jeitinho», é importante a contratação de intérpretes de LGP”, afirma.

Vera elogia e dá o exemplo dos países nórdicos em que os surdos têm uma bolsa que lhes permite usufruir dos serviços de um intérprete, seja no Banco, no Centro de Saúde ou outras instâncias em que deles necessitem. A intérprete refere que, em Portugal, essas oportunidades só acontecem a nível escolar. “E, mesmo assim, só durante o ensino obrigatório. Se um surdo quiser ingressar na Universidade, não tem esse apoio por parte do Estado. Ora, se a Constituição Portuguesa refere que todos temos direito de acesso à igualdade, ao acesso a oportunidades... Eles só têm esse direito na escola e apenas até ao 12º ano!”, desabafa.

CLÁUDIO SANTOS



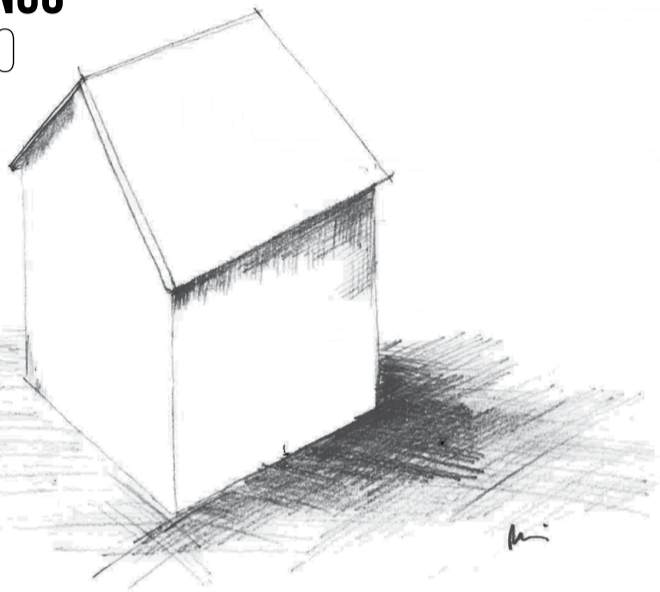
ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE BRAGA

BAIRRO DAS ANDORINHAS, LOJA 12
916 655 825 (VIA SMS)
ASURDOSBRAGA@GMAIL.COM

“IDE CONTAR O QUE VEDES E OUVIS”

III DOMINGO ADVENTO

ILUSTRAÇÃO DA ARO. MARIA TAVARES



ITINERÁRIO

ATITUDE MARIANA
Silêncio alegre.

CONCRETIZAÇÃO: "O Evangelho, onde resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria. Porque não havemos de entrar, também nós, nesta torrente de alegria?" (*Evangelii Gaudium*, 5). Este III Domingo do Advento convida-nos a saborear, antecipadamente, a alegria da vinda do Senhor como nos refere a antífona de entrada: "Alegrai-vos sempre no Senhor. Exultai de alegria: o Senhor está perto." Chegou o momento de colocarmos na casa as janelas pelas quais entra, em cada dia, a luz do sol. Que nas nossas Comunidades a Luz do Salvador entre e preencha de alegria cada um dos seus variados ambientes.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Povo de Sião*, F. Santos (NCT 26)
- **COMUNHÃO:** *Dizei aos desanimados*, F. Santos (CEC I, pp. 20-21)
- **FINAL:** *Avé, Senhora do Advento*, Az. Oliveira (IC 69; NRMS 95-96)

EUCOLOGIA

Orações próprias do III domingo do Advento (*Missal Romano*, p. 117).
Prefácio do Advento I/A (*Missal Romano*, p. 454).
Oração Eucarística III (*Missal Romano*, p. 529).
Bênção solene para o Tempo de Advento (*Missal Romano*, p. 553).

VIVER A ALEGRIA

"Ide contar o que vedes e ouvis". Já reparámos, certamente, que o nosso ambiente está inundado de más notícias. O desafio pastoral desta semana é sermos anunciadores de boas notícias e levarmos alegria e confiança aos nossos ambientes. Seja no trabalho, em casa, na escola, com os amigos ou em família, partilhemos apenas boas notícias e contagiemos a vida uns dos outros com a alegria sadia que nos vem de Deus.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I IS 11, 1-10

Leitura do Livro de Isaías

Naquele dia, sairá um ramo do tronco de Jessé e um rebento brotará das suas raízes. Sobre ele repousará o espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Deus. Animado assim do temor de Deus, não julgará segundo as aparências, nem decidirá pelo que ouvir dizer. Julgará os infelizes com justiça e com sentenças rectas os humildes do povo. Com o chicote da sua palavra atingirá o violento e com o sopro dos seus lábios exterminará o ímpio. A justiça será a faixa dos seus rins e a lealdade a cintura dos seus flancos. O lobo viverá com o cordeiro e a pantera dormirá com o cabrito; o bezerro e o leãozinho andarão juntos e um menino os poderá conduzir. A vitela e a urso pastarão juntamente, suas crias dormirão lado a lado; e o leão comerá feno como o boi. A criança de leite brincará junto ao ninho da cobra e o menino meterá a mão na toca da víbora. Não mais praticarão o mal nem a destruição em todo o meu santo monte: o conhecimento do Senhor encherá o país, como as águas enchem o leito do mar. Nesse dia, a raiz de Jessé surgirá como bandeira dos povos; as nações virão procurá-la e a sua morada será gloriosa.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 71 (72)

Refrão: Nos dias do Senhor nascerá a justiça e a paz para sempre.

LEITURA II ROM 15, 4-9

Leitura da Segunda Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos: Tudo o que foi escrito no passado foi escrito para nossa instrução, a fim de que, pela paciência e consolação que vêm das Escrituras, tenhamos esperança. O Deus da paciência e da consolação vos conceda que alimenteis os mesmos sentimentos uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que, numa só alma e com uma só voz, glorifiquéis a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Acolhei-vos, portanto, uns aos outros, como Cristo vos acolheu, para glória de Deus. Pois Eu vos digo que Cristo Se fez servidor dos judeus, para mostrar a fidelidade de Deus e confirmar as promessas feitas aos nossos antepassados. Por sua vez, os gentios dão glória a Deus pela sua misericórdia, como está escrito: "Por isso eu Vos bendirei entre as nações e cantarei a glória do vosso nome".

EVANGELHO MT 3, 1-12

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naqueles dias, apareceu João Baptista a pregar no deserto da Judeia, dizendo: "Arrependei-vos, porque está perto o reino dos Céus». Foi dele que o profeta Isaías falou, ao dizer: "Uma voz clama no deserto: «Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas»". João tinha uma veste tecida com pêlos de camelo e uma cintura de cabedal à volta dos rins. O seu alimento eram gafanhotos e mel silvestre. Acorria a ele gente de Jerusalém, de toda a Judeia e de toda a região do Jordão; e eram baptizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados. Ao ver muitos fariseus e saduceus que vinham ao seu baptismo, disse-lhes: "Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Praticai acções que se conformem ao arrependimento que manifestais. Não penseis que basta dizer: «Abraão é o nosso pai», porque eu vos digo: "Deus pode suscitar, destas pedras, filhos de Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores. Por isso, toda a árvore que não dá fruto será cortada e lançada ao fogo. Eu baptizo-vos com água, para vos levar ao arrependimento. Mas Aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu e não sou digno de levar as suas sandálias. Ele baptizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo. Tem a pá na sua mão: há-de limpar a eira e recolher o trigo no celeiro. Mas a palha, queimá-la-á num fogo que não se apaga".



REFLEXÃO

Estará João Baptista impaciente? Ele manda perguntar a Jesus: “És Tu Aquele que há-de vir, ou devemos esperar outro?” (evangelho). Jesus Cristo responde com actos, os mesmos que cumprem as profecias. Então, para nós, a alegria está aí! Este é o “Domingo da Alegria”, o Terceiro de Advento (Ano A). Uma alegria já proclamada pelo profeta Isaías ao povo exilado, alegria que é trazida por Deus (primeira leitura). Tenhamos confiança! Deus vem salvar-nos (salmo). E, como exorta Tiago, esperemos com paciência: desejando a “vinda do Senhor” (segunda leitura), permanecendo firmes na fé e vigilantes na esperança.

“Ide contar o que vedes e ouvis”

João Baptista é um verdadeiro profeta, “mais que profeta”, é o Precursor. O elogio que recebe de Jesus confirma essa missão: dispor o coração dos outros para se abrirem à acção de Deus. Mesmo na prisão, não deixa de apontar para “Aquele que há-de vir”, como sempre o fez.

O caminho do Messias, que Deus o encarregou de preparar, mantém-se no centro das suas ocupações. Então, talvez não esteja impaciente. O envio dos discípulos com uma questão, mais do que uma dúvida, é porventura uma estratégia para os levar até Jesus, para os fazer contemplar os sinais da vinda do Messias.

Jesus, entrando no jogo, não oferece uma resposta passiva, do género “Sim, sou o Messias”, ou “Não sou, tendes de esperar outro”. A resposta é duplamente activa: fala-lhes da mudança que está a acontecer — “os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres” — e, ao mesmo tempo, convida-os a dar testemunho: “Ide contar [a João] o que vedes e ouvis”.

A resposta remete para a vida, para as atitudes e comportamentos, neste caso, marcados pelo amor aos outros, pela alegria das palavras. Hoje, o que temos para contar? Se nos perguntarem se somos discípulos missionários de Jesus Cristo ou é preciso esperar outros, como respondemos? Podemos dizer, como Jesus, para verem o que fazemos e ouvirem o que dizemos? O nosso dia é preenchido com gestos de amor ou só com palavras e intenções?

Silêncio alegre

A prática das obras de misericórdia permite-nos experimentar a mesma alegria vivida por Jesus Cristo. E para tornar actuais os sinais messiânicos, temos de começar pela contemplação silenciosa do outro. Sem juízos prévios. Primeiro, abrir os olhos e os ouvidos para perceber as suas necessidades reais e, depois, agir com eficácia, à maneira de Jesus Cristo. Então, desse silêncio activo brotará o silêncio alegre da salvação. Neste processo, acompanha-nos a jovem de Nazaré, Maria. “A Ela, o Anjo disse: «Alegra-te, ó cheia de graça: o Senhor está contigo» (Lucas 1, 28). Que Ela nos obtenha viver a alegria do Evangelho em família, no trabalho, na paróquia e em todos os ambientes. Uma alegria íntima, feita de admiração e ternura. A que sente uma mãe quando olha para o seu filho recém-nascido, e sente que é um dom de Deus, um milagre que se deve agradecer!” (Francisco, *Angelus*, 15 de Dezembro de 2013).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Introdução à Liturgia da Palavra

A celebração da vinda do Senhor está cada vez mais próxima. Por isso, a Liturgia da Palavra deste III Domingo do Advento deixa-nos já entrever esse júbilo que dá nome a este Domingo: o Domingo da Alegria. Ao colocarmos na nossa casa as janelas estamos a convidar toda a Comunidade a deixar-se iluminar pela luz que vem do Céu em cada manhã, sinal da luz de Jesus Cristo. Foi essa luz que iluminou Maria de Nazaré e tornou o seu silêncio, não um momento de escuridão, mas um espaço fecundo e iluminado pela mensagem do Anjo Gabriel. Preparemo-nos para a escuta, abrindo as janelas do nosso coração à presença viva de Deus na Sua Palavra.

Cuidados na proclamação da Palavra

A primeira leitura deste Domingo (Is 35, 1-6a.10) é um convite explícito à alegria, por isso requer uma leitura que manifeste esse júbilo, sobretudo nas suas palavras iniciais. A segunda parte deste texto é fundamental para a compreensão do Evangelho, por isso requer-se uma leitura pausada e clara que torne o paralelismo acessível a todos. Cuidado com a pronúncia de algumas palavras: *Carmelo, Saron, desimpedirão*.

A segunda leitura (Tg 5, 7-10) é uma exortação à paciência e confiança na ação de Deus. Por isso deve ser proclamada de forma pausada e convincente, como quem está a aconselhar um amigo. Cuidado na pronúncia da palavra *temporã*.

Dinâmica do Advento

1. Valorizar o silêncio no momento da Oração Eucarística.
2. No momento da Consagração (Epiclese de Consagração e Narrativa da Última Ceia), aconselha-se a pronunciar as palavras sagradas de forma pausada e profunda. Para dar maior solenidade a este momento, seria importante, se possível, cantá-las (*Missal Romano*, pp. 674ss). Além disso, pode prolongar-se um momento de silêncio e contemplação na elevação do Corpo e Sangue de Cristo.

Admonição final

O Papa Francisco apresentou, no encerramento do Jubileu da Misericórdia, a Carta Apostólica *Misericordia et Misera*. Terminemos a nossa Eucaristia com algumas palavras que o Santo Padre nos dirigiu no n.º 3 deste documento: "Como são significativas, também para nós, estas palavras antigas que guiavam os primeiros cristãos: «Reveste-te de alegria, que é sempre agradável a Deus e por Ele bem acolhida. Todo o homem alegre trabalha bem, pensa bem e despreza a tristeza. (...) Viverão em Deus todas as pessoas que afastam a tristeza e se revestem de toda a alegria» (HERMAS, *O Pastor*, 42, 1-4). Experimentar a misericórdia dá alegria; não no-la deixemos roubar pelas várias aflições e preocupações. Que ela permaneça bem enraizada no nosso coração e sempre nos faça olhar com serenidade a vida do dia-a-dia".

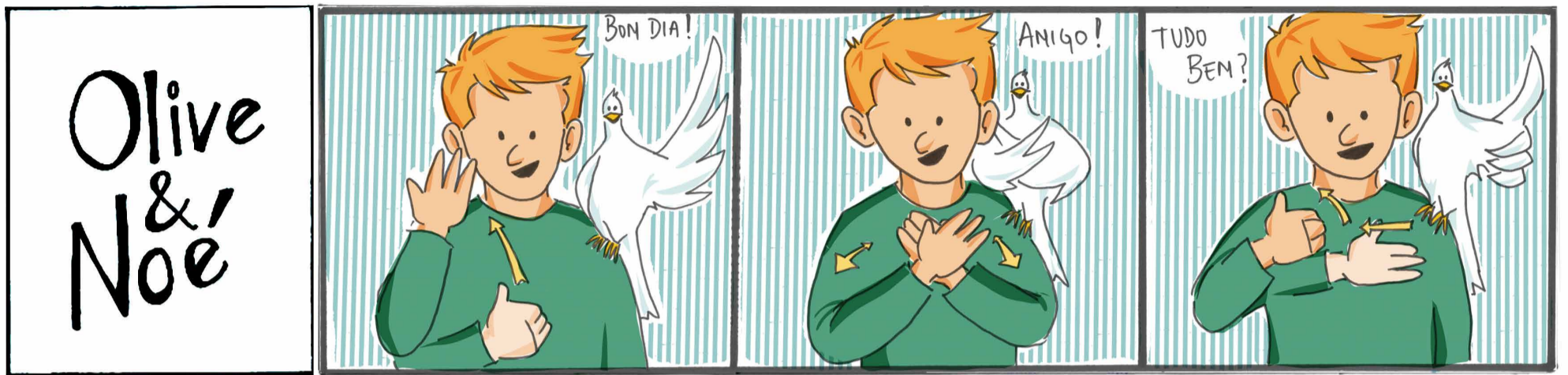
ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos:
Cada novo ano litúrgico é um ano de graça. Cheios de alegria pela vinda gloriosa do Senhor imploremos, com toda a confiança, dizendo:
R. Vinde, Senhor, e salvai-nos.

1. Para que na Igreja inteira, na nossa Arquidiocese e nas suas paróquias, se anuncie a Boa Nova da Alegria a toda a gente, e o Espírito faça florir cada deserto, oremos.
2. Para que nos lares e instituições de todo o mundo, haja trabalho, liberdade, pão e paz, e a angústia e tristeza não perturbem os corações, oremos.
3. Para que os cegos, os leprosos e os doentes, e os que vivem sem alegria e sem coragem ponham toda a sua esperança e confiança no Senhor, e lhes abram as janelas do seu coração, oremos.

Senhor, nosso Deus, que nos prometeis a felicidade e alegria sem fim, concedei-nos um coração pobre e fazei que a próxima vinda do vosso Filho transforme o mundo com a sua paz. Ele que vive e reina por todos os séculos dos séculos.





CONCERTO EM HONRA A SÃO FRUTUOSO



A Arquidiocese de Braga, a Reitoria da Universidade do Minho, a Câmara Municipal de Braga e a Direção Regional de Cultura do Norte organizam amanhã, 2 de Dezembro, pelas 21h30, na Sé catedral, um concerto comemorativo do 1350º aniversário da morte de São Frutuoso e do 50º aniversário da transladação das suas relíquias de Santiago de Compostela para Braga.

Aos compositores Eurico Carrapatoso, Hugo Fernández Languasco, François Nicolas e Jean-Pierre Leguay, foi pedido que, pela música, falassem da

importância primordial do silêncio e de uma relação humana baseada no discipulado, na recusa em ser mestres para, alegremente, abraçar a afirmação como discípulos. O texto proposto à criatividade dos compositores é baseado nos escritos de São Frutuoso, na Sagrada Escritura, e na Regra de São Bento. No âmbito do concerto estará disponível uma edição das partituras do concerto assim como uma nova edição ilustrada pelo artista plástico norte-americano Joe Santos da vida de São Frutuoso traduzida em português, inglês, espanhol e francês.

AGENDA

02.12.2016

CONCERTO COMEMORATIVO DO 1350º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE SÃO FRUTUOSO

21h30 / Sé Catedral

05.12.2016

FESTA DE S. GERALDO

CONFERÊNCIA "MATERNIDADE DE SUBSTITUIÇÃO (OU OUTRAS SUBSTITUIÇÕES?)"

21h15 / Salão de São Frutuoso

11.12.2016

BÊNÇÃO DAS GRÁVIDAS

11h30 / Sé Catedral

Sim
Assim, sim, assim

FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, Amândio e Rosa Cruz, Coordenadores da Pastoral Familiar.



Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

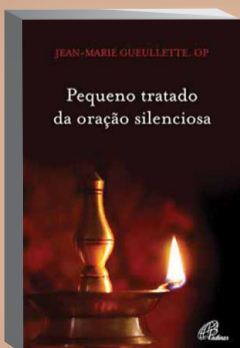
SANTA CASA DA MISERICÓRDIA APRESENTA NOVO LIVRO

A Santa Casa da Misericórdia de Braga apresenta no próximo dia 3 de Dezembro o livro "A intemporalidade da Misericórdia. As Santas Casas portuguesas: espaços e tempos", no âmbito da realização do ciclo de conferências "Celebrar o Ano da Misericórdia – Um olhar sobre as Obras de Misericórdia ao longo da História", iniciado em Outubro e que se prolonga até Fevereiro de 2017. O livro é coordenado pela docente Marta

Lobo de Araújo, da Universidade do Minho, e é mais uma publicação da Santa Casa no contexto do Ano Jubilar da Misericórdia. A quarta conferência do Ciclo das Conferências, que aborda a obra de misericórdia "Assistir os enfermos", tem por oradora Laurinda Abreu, da Universidade de Évora. O encontro está marcado para as 15h00, no Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga (Palácio do Raio).



LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



JEAN MARIE GUEULETTE

PEQUENO TRATADO DA ORAÇÃO SILENCIOSA

De acordo com a editora, "o silêncio e a interioridade não são apanágio exclusivo das tradições religiosas do Oriente, como comumente se pensa, pois existe também uma forma cristã muito simples de orar em silêncio". Na longa história da prática orante dos cristãos, desde os seus primórdios, é usada a repetição continuada do Nome de Deus, como forma de se recentrar a atenção na presença divina. Esta oração, pela repetição, foi chamada monológica, mas mais recentemente é também conhecida por oração contemplativa do silêncio interior ou oração de simples olhar.

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 01 a 08 de Dezembro de 2016.

PVP
11,50 €

10%*
Desconto